

## Dia da Pátria - 2025

Um ano mais estamos ao vosso lado no Dia da Patria Galega. **Este ano cumprem-se cinquenta da existência de presos/as nacionalistas galegos/as** julgados/as e condenados/as em Madrid por participarem em movimentos armados de autodefesa. E este facto por si só deve ser posto em valor.

Em Agosto do 1975, José Maria Brañas Pérez, João Manuel López Álvarez, Manuel Fernández Rodríguez e Maria Luísa Vázquez Barqueiro são detidos/as e encarcerado/as na prisão provincial da Corunha, acusados/as de formar parte de um grupo “terrorista” e participar em diversas ações armadas.

Em Junho de 2019 Antom Garcia Matos, Asunción Losada Camba, Miguel Garcia Nogales e João Manuel Sanchez Rodriguez são detidos e encarcerados/as em Madrid pelo seu compromisso com a resitência galega, que, segundo a Audiência Nacional espanhola e várias sentenças do Tribunal Supremo é uma *“organização terrorista cujo objectivo é lograr a independência do território histórico da Galiza a respeito da Espanha e de uma parte do norte de Portugal, subvertendo para isso a ordem constitucional na Galiza com a fim de estabelecer uns sinais de identidade galegos e a defesa da Terra e o meio ambiente para o qual justificam o emprego da violência contra as pessoas e os bens, como único meio de lograr os seus propósitos”*

Meio século marcado por diferentes ciclos de luta frontal com o Estado espanhol trouxeram consigo o incremento da represão e a extensão da vulneração de direitos básicos, centos de cidadãos/ãs galegos/as foram vigiados/as e perseguidos/as sistematicamente, quase um centenar de detidos/as baixo a legislação antiterrorista, a maioria encarcerados/as a centos de quilómetros da Galiza. Conhecimos o exílio e a mais rigorosa clandestinidade durante anos, e tivemos que enterrar com grande pesar os nossos irmãos/as caídos em combate: José Ramom Reboiras Noia, José Ramom Vilhar Regueiro e Lola Castro Lamas. A dia de hoje, dois compatriotas continuam encarcerados suportando uma dura condena que -se não o impedirmos- deverão cumprir até 2039, e outros dois irmãos, após 12 anos de reclusão, estão ainda sujeitos a um sistema repressivo de liberdade vigiada que se pode prolongar durante 9 anos.

Nunca tivemos vocação de vítimas. Orgulhecemo-nos de ter loitado com todos os meios ao nosso alcance e entregado o melhor das nossas vidas à ferosa tarefa de construirmos um mundo melhor, guiados pelo amor, a verdade, a justiça e a liberdade. Um povo que prescindia da sua memória e da sua história está condenado ao servilismo mais decadente. Mas só com memória histórica não avonda para reatualizar um legado de loita. Necesitamos novas nascentes que nutram novas artérias que encham novos regatos que colmem novos rios que reguem generosamente novas gerações.

Com mais ou menos matices somos todos/as conscientes de que estamos já imersos num novo Tempo. Transformações (socioeconómicas, tecnológicas, geopolíticas) sucedem-se a grande velocidade num marco internacional cada vez mais convulso e num contexto de sociedade desfianhada, insolidária e doente de soidades, desgarrada pelas desigualdades e a injustiça. Terreo crítico onde agarra -sabemo-lo bem- o novo fascismo emergente. Mas não nos enganemos, se o fascismo do período de entreguerras foi uma explosão de violência dirigida contra o movimento da classe obreira revolucionária, **o dissimulado neofascismo de hoje e a implosão de uma sociedade já completamente desarticulada.**

*“O fascismo não se enfrenta nem se vence com as sobredoses de turismo ideológico de um esquerdismo impotente adito ao espectáculo teórico-académico e mediático, aos gestos inúteis, às palavras sem consequências”*

Vamos ser muito claros/as. Todo o claro que se pode ser com muito poucas palavras, mas dispostos/as a referendá-las com factos, como sempre figemos. O fascismo não se enfrenta nem se vence com as sobredoses de turismo ideológico de um esquerdismo impotente adito ao espectáculo

teórico-acadêmico e mediático, aos gestos inúteis, às palavras sem consequências. Esta esquerda cosmopolita sem Terra, para a que o nosso indigenismo, a Terra e o território (como espaço politicamente organizado) são apenas acidentes supérfluos, só pode malviver enganchada às cíclicas modas e plataformas globalistas que acabam por legitimar o próprio pluralismo político do estado de execução democrático.

*“O fascismo só é possível desde o momento em que permitimos que se enfraqueçam as instituições populares, os laços familiares, vizinhos e comunitários a pequena escala”*

**A Terra é sagrada. Não se toca.** Como os comunistas vietnamitas, afirmamos a Pátria ou morte, preferimos sacrificá-lo e perdê-lo todo a entregar a nossa Terra ao imperialismo. Parafrazeando aquele precioso alegato feito baixo a ameaça de construir uma central hidroelétrica na Galiza irredenta, no Lago de Seabra, em 1993, não permitiremos que se profane a nossa Terra como não se permite fazer uma canteira na Cova de Altamira, nem vender o Tesouro da Catedral de Toledo, nem dividir o Palácio de Oriente em quartos com direito a cozinha.

Só a Terra nos prepara para a liberdade, uma liberdade que significa poder, o poder de controlar as circunstâncias da nossa própria existência como povo de paz e de trabalho.

O fascismo, irmãos/ãs, só é possível desde o momento em que, na estela de um furibundo individualismo, permitimos que se enfraqueçam as instituições populares, os laços familiares, vizinhos e comunitários a pequena escala... para serem substituídos por lealdades teledirigidas por e para o Estado e o sistema que nos assobalha.

Não há outra alternativa. **Ante a ofensiva das direitas de toda a vida, ultradireitas e fascismos de novo cunho: mais Pátria, mais Terra, mais nação galega e mais independência; mais aldeia e mais comunidades de resistência.** E não esqueçamos nunca aquela célebre frase do direitista e pro-fascista espanhol Calvo Sotelo, nas vésperas da guerra civil pois ela subvelva a história trágica do Estado opressor espanhol: “Prefiero una España roja a una España rota”

O arredismo galego tem mais de um século de existência: do Comité Arredista Revolucionário de Fuco Gómez em 1921, à resistência galega de começos do século XXI. Foi alimentado pelos/as melhores filhos/as da nossa classe trabalhadora e, deu mostras nos últimos cinquenta anos de uma grande responsabilidade e generosidade. **Com alegria, bom ánimo e boa disposição, estaremos presentes nos próximos combates.**

A luita continua!  
Não renunciámos à Patria Galega!  
Viva Galiza Ceive!  
Denantes mortos que escravos!